



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Physical Education and Sport Journal

[v. 17 | n. 1 | p. 237-244 | 2019]

RECEBIDO: 16-04-2019

APROVADO: 14-06-2019

ENSAIO

DOSSIÊ FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Os enfrentamentos da formação e desenvolvimento profissional em educação física

The confrontations of training and professional development in physical education

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p237>

Dagmar Cynthia Hunger¹, Maria Elisete Brigatti², Juliana Martins Pereira³,
Rebeca Lima Cleto¹

¹Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Bauru)

²Centro Universitário da Fundação Herminio (FHO)

³Instituto Federal do Ceará - Campus de Acaraú (IFCE)

RESUMO

Objetivo: Analisar os enfrentamentos da formação e desenvolvimento profissional em educação física, presentes desde início do século XX e, ainda, hoje, alguns não superados. Vislumbra-se despertar para um olhar crítico das determinantes: educação física, universidade, formação, mundo do trabalho e sociedade brasileira. **Métodos:** Para tanto, realizou-se revisão crítica da literatura pertinente ao assunto e por intermédio da sociologia do conhecimento pautou-se a discussão do problema em questão. **Resultados:** Constatou-se avanço significativo da área em termos científicos, recentes estudos apontam os benefícios da prática orientada de exercícios físicos para o tratamento de algumas doenças como obesidade, depressão, diabetes, Alzheimer, entre outras. No entanto, ainda é questionável a postura, intervenção profissional e práxis pedagógica. Há mais de 100 anos, enfrentamos o sentimento de “outsiders”, estigmatizados por atributos associados à desvalorização do ser professor, com baixa remuneração financeira, reconhecimento cultural, status científico e profissional da educação física, questionáveis na figuração escolar e social brasileira. Enfim, com as poucas aulas semanais de educação física escolar, dificilmente a educação do corpo brasileiro acontecerá por intermédio do processo de escolarização. **Conclusão:** Consequentemente, o projeto nacional de conscientização e mudança em prol de hábitos saudáveis não se concretizará, resultando em menores índices de qualidade de vida e mais gastos financeiros pessoais e governamentais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Formação e Desenvolvimento Profissional; Sociologia do Conhecimento.

ABSTRACT

Objective: To analyze the confrontations of the formation and professional development in physical education, present since the beginning of the 20th century and until today, some of them have not yet been overcome. **Methods:** There has been an awakening glimpse for a critical view of the determinants: physical education, university, training, the world of work and the Brazilian society. **Results:** For this purpose, it has been carried out a critical review of the literature pertinent to the subject and it was taken account the discussion of the relevant problem through the sociology of knowledge method. It was found a significant progress of this area in scientific terms, recent studies have pointed the benefits of oriented practice of the physical exercises for some disease treatment such as obesity, depression, diabetes, Alzheimer, among others. However, it is still questionable the attitude, professional intervention and pedagogical praxis. We have faced the feeling of “outsiders” stigmatized by attributes associated to the depreciation of being a teacher, who has low payment, low cultural recognition, the physical education scientific and professional status questionable in the school and social Brazilian environment for more than a hundred years. Finally, with only the very few weekly PE classes, there is little chance the Brazilian body education and training will happen by means of an education process. **Conclusion:** Therefore, the national project of awareness and change on behalf of healthy habits will not be achieved, resulting in lower levels of life quality and more personal and governmental financial expenditures.

KEYWORDS: Physical Education; Training and professional development; Sociology of Knowledge.

INTRODUÇÃO

Com base nos estudos de Bourdieu (1983), aprende-se que para compreender melhor e contribuir de modo consciente na transformação de um “campo” ou “sub-campo” social que não corresponde mais aos anseios da maioria comunitária, é necessário considerar suas peculiaridades, dificuldades e limitações, e especialmente, as lutas realizadas em seu interior. Desse modo, objetivou-se analisar os enfrentamentos da formação e desenvolvimento profissional em educação física, presentes desde início do século XX e, ainda, hoje, alguns não superados.

Desde o fim do século XIX e início do século XX, o profissional de Educação Física enfrenta o sentimento de “outsiders” e o não reconhecimento cultural e científico por parte da sociedade brasileira. De acordo com Azevedo (1960), não existia uma consciência nacional (1920) do que representava a Educação Física para formação integral do indivíduo. Estava quase tudo por fazer nesse campo, a bibliografia sobre a área era quase inexistente (livros, folhetos e comunicações) e não havia escola de Educação Física para formação dos profissionais da área, que nessa época eram chamados de técnicos e “instrutores” e não de professores. Essa denominação estabelecia clara distinção hierárquica de função: os professores eram aqueles que se dedicavam às atividades puramente intelectuais e os técnicos e instrutores realizavam as atividades de segundo plano, manuais e mecânicas.

Porém, mesmo sem reconhecimento, há registro de algumas ações isoladas de apoio e inclusão da Educação Física na escola, como a do intelectual Fernando de Azevedo, que em 1915, defendeu a importância educacional da Educação Física na formação de crianças e jovens e influenciou o governo do estado de Minas Gerais a criar uma cadeira para professor de Educação Física no Ginásio. A partir de 1933, é que “algumas dezenas de professores primários” do Estado de São Paulo iniciam a especialização profissional na Escola de Educação Física do Exército (AZEVEDO, 1960, p. 14). Cabe destacar aqui, a marcante influência militarista para a constituição do campo da Educação física brasileira, tanto no contexto escolar quanto no esporte de alto rendimento.

Durante as décadas que se seguiram, a Educação Física foi se desenvolvendo, passando de uma “atividade essencialmente prática e sem fundamentação teórica” para um campo de atuação profissional com referencial teórico construído a partir de outras áreas do conhecimento. Nesses quase cem anos que se seguiram, é notória e significativa a ampliação da consolidada produção acadêmica e científica da área. No entanto, sabe-se que todo processo de transformação é dinâmico, repleto de nuances e possibilita que processos avançados aconteçam concomitantemente a processos menos evoluídos. No caso específico da Educação Física, os avanços científicos da área ocorrem simultaneamente ao processo deficitário de formação e intervenção profissional.

Azambuja (2018) constatou as dificuldades para trabalhar o tema Saúde no cotidiano escolar, revelando por intermédio de seus depoentes (fonte oral) distanciamentos entre discursos oficiais, acadêmicos e a prática pedagógica. Conforme entrevistas com os professores de Educação Física, a referida autora sintetiza na sua tese:

[...] os obstáculos são configurados por diversos aspectos, como: subjetividade do conceito Saúde, formação inicial deficitária, formação continuada inexistente, políticas públicas incipientes, falta de apoio da coordenação escolar, resistência dos alunos e, ainda, o tempo das aulas reduzido, caracterizando uma teia de interdependência. Todos esses elementos constituem verdadeiros limitantes neste processo (AZAMBUJA, 2018, p. 134).

Sendo assim, com base em estudos de teses de doutorado, dissertações de mestrado, pesquisas de iniciação científica e seus depoentes (fontes orais) aqui citados e que abordam a formação e desenvolvimento profissional em educação física há quase vinte anos, tem-se a possibilidade de entender o tempo presente, como “um bom caminho a seguir contra as ilusões de ótica que a distância e o afastamento” (RÉMOND, 1996) podem gerar no que se refere à problemática em questão. Cumpre-nos no presente artigo, principalmente, despertar para um olhar crítico das determinantes em jogo no que diz respeito à universidade, formação, mundo do trabalho e sociedade brasileira.

MÉTODOS

De acordo com estudiosos das ciências humanas, suas pesquisas qualitativas e fontes orais priorizadas para a discussão do problema ora em questão entendeu-se conforme Chartier (1996, p. 217) que: “[...] o tempo presente [...], propicia uma reflexão essencial sobre as modalidades e mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos que têm uma mesma formação ou configuração social”.

Aprofundando, Le Goff (1992) explica que essa tendência de análise não tem como preocupação principal reconstruir um passado único e Amado e Ferreira (1996) dizem que a história em que se vive resulta do encontro com aqueles que são contemporâneos e que narram suas vidas no tempo presente e, em conformidade com suas experiências.

De acordo com Burke (citado por PALLARES-BURKE, 2000, p. 228): “[...] considerando que o mundo está em

mudança permanente, é impossível entendê-lo sem tentar localizar o que está acontecendo dentro das tendências mais amplas através do tempo”.

Le Goff (1992, p. 5) esclarece, ainda, que o estudo da memória social é um dos meios mais importantes para abordar os acontecimentos do tempo e da história, e afirma que: “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual revocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras”.

Portanto, buscou-se um olhar dialético, pressupondo que o contexto atual resulta de um passado, entendido como um tempo intermediário, vivo, que se desenvolve e traz consequências ininterruptamente, do qual se devem fazer perguntas intrigantes a fim de reinterpretar os fenômenos sociais (MARRÖU, s.d.; LE GOFF, 1992; SCHAFF, 1987) e, assim, perspectivar um futuro diferenciado, no caso, a Educação Física.

A discussão para elucidar a problemática em questão fundamentou-se na sociologia do conhecimento, uma vez que esta teoria se propõe estudar as pessoas incumbidas da atividade intelectual, isto é, no presente artigo publicações científicas (pesquisas qualitativas) resultantes de estudiosos, bem como, exemplificando-se com depoimentos de professores escolares, docentes e alunos universitários que compuseram como fontes orais para suas constatações. Definida por Mannheim (1950), um dos principais pensadores da sociologia do conhecimento, esta perspectiva:

[...] procura compreender o pensamento dentro da moldura concreta de uma situação histórico-social, partindo do pressuposto que não são os homens em geral que pensam, nem mesmo os indivíduos isolados, mas os homens dentro de certos grupos que elaboram um estilo peculiar de pensamento graças a uma série interminável de reações a certas situações típicas, características de sua posição comum. Estritamente falando, é incorreto dizer que o indivíduo isolado pense. Os componentes de um grupo não se limitam a coexistir fisicamente como unidades distintas. Não abordam o mundo objetivo nos níveis abstratos de um espírito contemplativo em si, nem o fazem exclusivamente como seres solitários. Pelo contrário, cooperam e competem em grupos diversamente organizados e, assim, fazendo, ora pensam em comum, ora antagonicamente. Os indivíduos reunidos em grupo forcejam, segundo o caráter e a posição dos grupos a que pertencem, por modificar o mundo circundante da natureza e da sociedade, ou procuram perpetuá-lo em uma dada condição. É a direção dessa vontade de mudar ou de conservar, dessa atividade coletiva, em suma, que fornece o fio orientador ligado ao aparecimento de seus problemas, seus conceitos e suas formas de pensamento (MANNHEIM, 1950, p. 3).

RESULTADOS

Enfrentamentos da Educação Física: vamos às quadras!

Inicialmente, pensando nos dias atuais, início do século XXI, vivemos num mundo globalizado, complexo, veloz, dinâmico, concorrido e conectado por tecnologias avançadíssimas. Um mundo com “... uma imensa variedade de culturas humanas, cada uma com seu estilo de vida, comportamento e visão de mundo” (HARARI, 2016, p. 382), que apresentam no seu conjunto índices significativos de inovações científicas. Mas, esse mundo globalizado com inovações científicas também apresenta: violência, agressões, assédios, drogas, preconceitos, indisciplinas, desrespeitos, conflitos, doenças, obesidades, vícios tecnológicos, injustiças sociais, etc. A contradição desse mundo está presente nos contextos escolares e universitários, etc., gerando estresses emocionais, os quais, talvez, muito têm dificultado e/ou limitado o melhor desempenho didático, acadêmico e profissional de professores e estudantes de Educação Física. Tal acervo tecnológico já está intrínseco ao cotidiano do mundo atual, e com tantos enfrentamentos contemporâneos, esse meio virtual acaba por se tornar um refúgio.

Capra (1987), já alertava:

[...] vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica (CAPRA, 1987, p. 14).

E, Demo (1997) valorizava a importância da produção coletiva do conhecimento, principalmente no que se refere à interdisciplinaridade. O autor tecia críticas ao ensino da educação superior, enfatizando que:

A Universidade não tem sabido desconstruir paradigmas ultrapassados de didática, porque continua definindo-se como entidade de repasse copiado de conhecimento, ou desconstruir modelos institucionais que não favorecem o mérito acadêmico e fomentam o separatismo entre as disciplinas, ou desconstruir perfis de professores que se confundem com todos os vícios do funcionalismo público ao mesmo tempo relegado e privilegiado, ou desconstruir perfis profissionais de alunos que já fazem parte de um passado, e assim por diante (DEMO, 1997, p. 44).

Portanto, não mais se admiti que instituições universitárias e cursos de Educação Física subscrevam percepções estreitas dos contextos sociais, das quais bem sabemos o quanto são inadequadas para enfrentar os principais problemas de nosso tempo. Não faz mais sentido um currículo pautado na fragmentação científica e configurado conforme um rol de conhecimentos disciplinares estanques.

E, ainda, entrevê-se, como Elias (1994), uma crítica à especialização acadêmica, permitindo que se construísse um arcabouço conceitual inadequado, para postular a natureza e a sociedade como opostos. Isso significa dizer que as universidades continuarão isoladas, principalmente no que se refere à análise científica, enquanto os indivíduos forem encarados como “eus desprovidos de um nós e não se entender adequadamente o papel da balança nós-eu, do ideal-dos e da identidade-nós nos sentimentos e comportamentos individuais” (ELIAS, 1994, p. 57).

Urge no ensino e aprendizagem estudantil dos conteúdos acadêmicos, científicos e tecnológicos dos cursos de educação superior em Educação Física a ênfase ao método dialético e não meramente expositivo e reprodutivo, que enfoque os problemas sociais e atuem com projetos interdisciplinares.

Para Celso dos S. Vasconcellos (1992, p. 2) o problema maior da metodologia expositiva seria o fato da aula acabar se resumindo em: “Apresentação do ponto; Resolução de um ou mais exercícios modelo; Proposição de uma série de exercícios para os alunos resolverem.” E, principalmente, “**seu alto risco de não aprendizagem**, justamente em função do **baixo nível de interação sujeito-objeto** de conhecimento” (negrito e grifos do autor). Para Vasconcellos (1992), o objetivo de interferir na prática deve determinar a organização de um currículo que pretende a transformação, e para cumprir esse propósito os conteúdos devem estar voltados para uma leitura crítica da realidade que supere a dicotomia entre a sala de aula e o mundo.

E, nos cursos de Educação Física, por sua natureza multidisciplinar, tendo como objeto de estudo e intervenção a educação do corpo em movimento, portanto, de significativa abrangência nos campos da cultura, arte, tecnologias e ciências (humanas, biológicas, exatas), não mais se justifica um currículo “tecnicamente-instrumentalizado”; “prático”; “biologicista”; “fragmentado”; “dicotômico”, “alienado”; “a-histórico”, “acrítico”; etc. Na formação inicial em Educação Física é preciso garantir a efetiva aprendizagem e domínio dos conhecimentos filosóficos, tecnológicos e científicos na ação profissional e pedagógica das mais variadas manifestações culturais corporais existentes no processo da civilização humana! Caso contrário, continuaremos sujeitos às críticas daqueles que dizem que a Educação Física simplesmente está caminhando cada vez mais para o seu campo teórico de análise, distante da práxis pedagógica e de sua essência humana.

E, o mais agravante, correndo o seguinte risco, para o qual Lawson (1984) alertava que da mesma maneira que ocorre o processo de profissionalização, também pode ocorrer o inverso. Se a educação não for capaz de reconsiderar a sua missão e resolver os problemas da sociedade, conseqüentemente deixará de ter valor, caindo no processo de “desprofissionalização” docente, que indica a desvalorização da profissão, ou o juízo estabelecido socialmente como trabalho insignificante.

Analisemos o enfrentamento atual da Educação Física com referência à Base Nacional Curricular Comum do Ensino Médio. E, ainda, na Educação Infantil, nível de ensino no qual muitas escolas não tem o especialista em Educação Física atuando profissionalmente. Bem sabemos que o pedagogo apresenta limitações na sua formação acadêmica inicial com referência às especificidades da educação do corpo e acaba reforçando a visão dicotômica “corpo/mente”. Mas, não podemos afirmar que a formação inicial do profissional de Educação Física tem proporcionado conhecimento suficiente para o egresso atuar no ensino infantil.

No ensino fundamental, concentramo-nos muito mais no ensino das modalidades esportivas de basquetebol, voleibol, futebol e atletismo, ou handebol, dependendo da região do país. Ao trabalhar o famoso “quarteto fantástico”, o professor nega o ensino e aprendizagem das diversas manifestações corporais da civilização humana, os contextos históricos e socioculturais, bem como, valores e princípios, concepções filosóficas de mundo, sociedade e formação cidadã. Isso, sem considerar a efetiva aprendizagem dos jovens escolares, devido as condições adversas da escola, como: poucas horas de aulas semanais de Educação Física; falta de materiais e espaço físico; entre outros.

Demo (1997) já explicava que, a Universidade não está mais conseguindo cumprir seu papel de inovar, e acompanhar as características do mercado atual, em suas palavras:

[...] este fato tem afastado a escola e a Universidade, cada vez mais, das relevâncias concretas da vida, sobretudo do desafio da sobrevivência, sem falar no desafio de postar-se à frente do futuro. Ambas não conseguem, sequer, ser contemporâneas (DEMO, 1997, p. 12).

E, Fávero (1992), enfatizava a situação precária da universidade, e o reflexo dessa situação no processo de formação profissional, ou seja, o descompasso existente entre a pesquisa e as exigências culturais do país, a fragilidade e a descontinuidade dos programas de ensino e pesquisa, além de uma estrutura de poder centralizadora e conservadora. Mas, não se pode deixar de destacar as contribuições e avanços dos cursos de pós-graduação em Educação Física e áreas afins na significativa produção científica referente às manifestações socioculturais corporais e sua eficácia na educação do corpo e saúde humana.

Hoje, não mais nos preocupamos com algumas questões como se a Educação Física: É ciência? Qual seu objeto de estudo? É um curso profissional, técnico ou uma disciplina acadêmica? Quem são vocês (leigo, ex-atleta, professor, médico, militar, técnico) e o que fazem numa Universidade Pública reconhecida cientificamente? No entanto, das críticas

superadas de um currículo eminentemente “prático” e/ou “técnico”, hoje, evidenciam o outro extremo, ou seja, um currículo “teórico”.

Constata-se, sim, a expansão dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no país, especialmente, nas Instituições Públicas Estaduais e Federais, influenciando na melhor produção acadêmica em Educação Física e na criação de periódicos científicos, laboratórios, grupos de pesquisas, associações científicas etc. Não se nega que a pós-graduação na área vem contribuindo na construção e consolidação de um corpo de conhecimentos específicos, possibilitando fundamentação teórica na formação e atuação profissional e buscando superar o caráter eminentemente técnico do curso.

No entanto, existe ainda um agravante quando se pensa na formação didático-pedagógica por parte da pós-graduação *stricto sensu*. Pois, conforme Borges (2006), depoentes (mestres oriundos de um curso de pós-graduação de uma instituição universitária pública de São Paulo) afirmaram, majoritariamente, que a pós-graduação não os preparou didática e pedagogicamente e que os saberes da experiência são mais significativos na sua docência.

Nesse sentido, justifica-se a existência de núcleos de formação continuada nas universidades, sendo que a profissão professor é um processo de construção permanente. Portanto, entende-se que, também, os cursos de graduação e pós-graduação de Educação Física devem se atentar para as questões da docência universitária, a fim de promover resultados condizentes com um ensino superior de qualidade diferenciada.

Nesse sentido, chamamos a atenção para os dizeres de Kerr (1966) citado por Kourganoff (1990):

[...] desde 1930 as universidades americanas vêm sendo amplamente e especificamente orientadas no sentido da pesquisa e do abandono do dever para com o ensino. Desde essa época o generalista foi destituído pelo especialista, o filósofo transformado em pesquisador, o médico substituído pelo biólogo e o conjunto da universidade se organizou de acordo com o princípio do primado da pesquisa (KOURGANOFF, 1990, p. 99).

Ao pensar sobre o fenômeno mundial “esporte”, como uma das principais manifestações corporais da civilização humana, é fato seu evidente processo de “espetacularização”, “profissionalização” e “investigação científica”. Conforme Eric J. Hobsbawm (1992, p. 255): “[...] durante o último quartel do velho século: o esporte. Formalizado em torno desta época na Inglaterra, que lhe ofereceu o modelo e o vocabulário, alastrou-se como um incêndio aos demais países”.

O campo esportivo encontra-se em pleno desenvolvimento, exigindo pesquisadores e profissionais qualificados em termos de administração, marketing, nutrição, preparação técnica e tática, treinamento, medicina, psicologia, estatística, tecnologia, etc. No entanto, destaco o Parecer 215/87 (BRASIL, 1987, p. 171-2), em que dizia: “[...] resumindo esse retrospecto, pode-se dizer que, nesses últimos trinta anos, as várias alterações sofridas no processo de formação do técnico esportivo, em termos qualitativos, muito nada ou nada mesmo acrescentaram”.

Denota-se, ainda, distanciamento entre os campos esportivos, universitários e científicos, principalmente, quanto à preparação de técnicos, detecção de talentos e formação de jovens atletas. Carlos Rogério Thiengo; Flávio I. S. Oliveira; Guilherme A. Talamoni e Dagmar Hunger (2012) constatavam que clubes brasileiros de futebol pouco avançavam em termos científicos (avaliações psicológicas e da maturação óssea) na condução de processos seletivos, ou seja, muitos se pautavam exclusivamente na experiência e na intuição dos responsáveis “olheiros” pelas indicações de jogadores.

De fato, pesquisa de Martins Pereira (2001) evidenciou o quão distante estava a preparação universitária das exigências do cotidiano profissional do técnico esportivo. Depoentes (técnicos) afirmaram que os conhecimentos adquiridos na graduação não supriram suas necessidades profissionais. Consideraram seus cursos de graduação em Educação Física “ultrapassados e insuficientes para atuação profissional” (MARTINS PEREIRA, 2001, p. 2), principalmente, no que se refere à aprendizagem da parte técnica e tática de modalidades esportivas, e explicitaram que, devido ao desajuste entre seus cursos e as exigências do campo de trabalho, os cursos de atualização e especializações são imprescindíveis na formação de um técnico esportivo.

E, conforme depoimentos dos alunos de graduação dos Cursos de Bacharelados das Instituições Públicas do Estado de São Paulo (UNESP, UNICAMP e USP), Martins Pereira (2004, p. 100) constatou que a maioria não se sentia seguro e apto a atuarem como técnicos esportivos de equipes competitivas, apenas com iniciação esportiva. Evidenciou-se, ainda, uma desvalorização das disciplinas esportivas, partindo do próprio corpo docente das Universidades, demonstrando circunstâncias de não apropriação da práxis do conhecimento científico e técnico esportivo.

Cunha (2017), em pesquisa referente às aprendizagens de treinadores de basquetebol, ao entrevistar técnicos obteve o seguinte depoimento:

Não. Eu sempre defendo, vou defender por enquanto, enquanto não **mudar um pouco as grades de Educação Física**, a gente da Educação Física, **na parte de competição, na parte do esporte, é muito da vivência né**, que você tem com o esporte. Acho que na faculdade **você aprende o superficial do superficial** (CUNHA, 2017, p. 66) [T4] (Grifo nosso).

Depoimentos semelhantes são dados com relação ao ensino da dança e ginástica. Pereira (2007); Valderramas (2008) e Sousa (2016) ao entrevistarem docentes universitários, professores escolares e alunos de graduação evidenciaram

as lacunas do ensino universitário na preparação de profissionais para atuarem com os conteúdos de dança e ginástica; declararam dificuldades, apresentaram conceituações superficiais e conhecimento restrito, limitando-se ao básico.

E, Corrêa (2018) chama atenção para a formação atual dos jovens da geração mundo digital, das possibilidades de aplicabilidade de novas tecnologias na escola e o quanto contribuem no melhor desempenho do professor e aluno. Mas, não obstante discursos de implantação e disponibilidade de recursos tecnológicos e seus usos para professores ser evidente, infelizmente, isso não ocorre na mesma velocidade encontrada na maioria escolar pública. E, também, muitos professores sentem-se inseguros, ou seja, não estão plenamente preparados para atuar com as várias tecnologias.

Diante do exposto, é facilmente perceptível e urgente a tomada de decisão com relação à renovação curricular da formação (inicial e continuada), bem como, aprimoramento do profissional em Educação Física, especialmente, num mundo de trabalho, cada vez mais, complexo, competitivo, amplo e diversificado, com muitas possibilidades de intervenção nos campos da Educação; Educação Especial; Saúde; Treinamento Esportivo; Lazer; Dança; Administração; Empreendedorismo; Tecnologias, etc.

Com base na teoria Eliásiana, (ELIAS, 1994) pode-se afirmar que nas sociedades modernas estão se tornando cada vez mais complexas e diversificadas as carreiras profissionais, com crescente aumento de especialização e exigência. Na intenção de contribuir com a melhoria do processo de formação do profissional de Educação Física, sugere-se a instituição da Residência em Educação Física nos moldes da Medicina, a qual se constitui numa,

[...] modalidade do ensino de pós-graduação destinada a médicos, sob a forma de curso de especialização, caracterizada por treinamento em serviço em regime de dedicação exclusiva, funcionando em Instituições de saúde, universitárias ou não, sob a orientação de profissionais médicos de elevada qualificação ética e profissional (BRASIL, 1977, N° 80.281).

A Residência em Educação Física poderá constituir mudança significativa na formação universitária acadêmica e científica, normalmente denominada de “básica” e que dificilmente prepara devidamente o profissional de Educação Física para o amplo campo de intervenção no mundo do trabalho.

Finalizando a discussão, conforme Nóvoa (2017, p. 1123) “não é possível formar médicos sem a presença de outros médicos e sem a vivência das instituições de saúde. Do mesmo modo, não é possível formar professores sem a presença de outros professores e sem a vivência das instituições escolares”. E, na Educação Física não é diferente, precisa não só de outros professores, mas dos saberes de outros especialistas (saúde, esporte, lazer e cultura) em seus respectivos contextos de intervenção profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o objetivo da pesquisa de analisar os enfrentamentos da formação e desenvolvimento profissional em educação física, presentes desde início do século XX e, ainda, hoje, alguns não superados, apresentou-se um olhar crítico do universo acadêmico e científico distante do mundo do trabalho e sociedade brasileira.

Com a revisão de literatura, constatou-se avanço significativo da área em termos científicos, de recentes estudos e desde a época de Fernando de Azevedo (1915) apontando os benefícios da prática da educação física (brincadeiras, jogos, esportes, lutas, danças, ginásticas etc.) nos campos da educação, saúde, lazer, cultura, etc. No entanto, há mais de 100 anos, enfrentamos o sentimento de “outsiders”, estigmatizados por atributos associados à desvalorização do ser professor, com baixa remuneração financeira, reconhecimento cultural, status científico e profissional da educação física, questionáveis na figuração escolar e social brasileira.

Sabe-se que com as poucas aulas semanais de educação física escolar, dificilmente a educação do corpo brasileiro acontecerá por intermédio do processo de escolarização. Consequentemente, o projeto nacional de conscientização e mudança em prol de hábitos saudáveis não se concretizará, resultando em menores índices de qualidade de vida e mais gastos financeiros pessoais e governamentais.

Destacam-se as palavras de Yuval Noah Harari, ou seja:

Humano têm corpos. Durante o século passado a tecnologia nos distanciou de nossos corpos. Perdemos a capacidade de dar atenção ao que tem cheiro e gosto. [...] (HARARI, 2018, p. 119).

Enfim, acredita-se que humanos “são corpos socioculturais e históricos em movimento”, portanto, a Educação Física exerce um papel imprescindível para que educandos compreendam os contextos em que estão inseridos e, uma vez conscientes, é possível transformar o que não mais os satisfaz.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AZAMBUJA, A. P. de O. **A questão da saúde na educação física escolar: reflexões sobre as perspectivas de professores**. 2018. 172f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.
- AZEVEDO, F. de. **Da educação física – o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. Seguido de antinous – estudo de cultura atlética e a evolução do esporte no Brasil**. 3. ed. V. 1. São Paulo: Melhoramentos, 1960
- BORGES, C. **Docência universitária em educação física**. 2006. 227f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Parecer nº. 215**, de 11 de março de 1987. Documento n. 315, Brasília, março, 1987. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cd007078.pdf>>. Acessado em: 13 de janeiro de 2019.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- CHARTIER, R. Pensar o tempo presente, a visão do historiador modernista. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 215-8.
- CORRÊA, E. A. **As tecnologias no processo de ensino escolar e a aprendizagem dos conhecimentos da Educação Física**. 2018. 209f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.
- CUNHA, L. D. da. **Trajetórias de aprendizagens de treinadores de basquetebol atuantes nas instituições de esporte em Franca - SP**. 2017. 153f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.
- DEMO, P. **O conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DEMO, P. Professor e seu direito de estudar. In: SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. S. B. (Org.). **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2002. p. 71-88.
- DEMO, P. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento. In: MACIEL, L. S. B.; SHIGUNOV NETO, A. (Org.). **Formação de professores: passado, presente e futuro**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 113-27.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FÁVERO, M. L. A. Universidade e estágio curricular; subsídios para discussão. In: ALVES, N. (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992.
- HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HARARI, Y. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KOURGANOFF, W. **A face oculta da universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1990.
- LAWSON, H. A. **Invitation to Physical Education**. Champaign: Human Kinetics, 1984.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1992.
- MARRÖU, H. I. **Do conhecimento histórico**. Lisboa: Aster, s.d.
- MARTINS PEREIRA, J. **A formação profissional dos técnicos de voleibol de São José dos Campos**. Relatório científico final apresentado à comissão permanente de pesquisa da Faculdade de ciências, Bauru: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bolsa de iniciação científica Pibic/CNPQ, 2000-2001.

MARTINS PEREIRA, J. **A formação do bacharel em educação física e esporte**: em contexto as disciplinas de voleibol. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-33, 2017.

PALLARES-BURKE, M. L. G. **As muitas faces da história**: nove entrevistas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2000, p. 11-228.

PEREIRA, M. L. **A formação acadêmica do professor de educação física**: em questão o conteúdo da dança. 2007. 197f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

RÉMOND, R. Pensar o tempo presente - algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 203-9.

SCHAFF, A. **História e verdade**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SOUSA, N. C. P. de. **Pesquisa-ação de formação continuada em educação física no âmbito da dança**: as possíveis implicações no repensar e na transformação da prática pedagógica de educação física, arte e pedagogia. 2016. 383f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

THIENGO, C. R.; OLIVEIRA, F. I. S.; TALAMONI, G. A.; HUNGER, D. Análise do processo histórico da identificação de goleiros para o futebol. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, Edição Especial, n. 1, p 1440-50, 2012.

VALDERRAMAS, C. **Os saberes e a formação dos professores de street dance do Estado de São Paulo**. 2008. 174f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

VASCONCELLOS, C. S. Metodologia dialética em sala de aula. **Revista de Educação AEC**, Brasília, v. 1, n. 83, p. 18, 1992.

Autor correspondente: **Dagmar Cynthia Hunger**

E-mail: dagmar.hunger@unesp.br

Recebido: **16 de abril de 2019**.

Aceito: **14 de junho de 2019**.